

ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO, PATOGENICO E AVANÇOS NO DIAGNÓSTICO DE *Diocotophyma renale* EM CÃES NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Mateus de Oliveira Santos¹; Ana Caroline de Oliveira Lima²; Anna Léia Silva Campos³; Gabrielly Tenorio da Silva Sousa⁴; Maria Clara de Oliveira Lima⁵; Amanda Karoliny Figueredo Brito⁶.

^{1,2,3,4,5}Discentes da Universidade Federal do Piauí – UFPI; ⁶Orientadora, Mestre pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Área Temática: Epidemiologia e Saúde Pública. **E-mail:** mateus.oliveira@ufpi.edu.br

INTRODUÇÃO: A dioctofimatoze é uma doença parasitária causada pelo helminto *Diocotophyma renale*, popularmente conhecido como "verme gigante do rim". A enfermidade atinge cães, gatos e carnívoros silvestres, sendo caracterizada pela destruição progressiva do parênquima renal. O rim direito é o mais frequentemente acometido, possivelmente devido à proximidade anatômica com o duodeno durante a migração larval. No Brasil, registros históricos datam de 1860 em lobos-guará, e um dos primeiros relatos em cão é de 1978 no Rio Grande do Sul. A infecção é frequentemente silenciosa, sendo diagnosticada tardiamente, quando o dano renal já é irreversível, o que reforça sua relevância no contexto da "Saúde Única". **OBJETIVO:** Realizar um levantamento bibliográfico sistemático acerca da incidência, epidemiologia, patogenia e avanços nos métodos diagnósticos de *D. renale* no Brasil, com foco na espécie canina, visando compreender os fatores ambientais e comportamentais associados à ocorrência da doença. **MÉTODOS:** Pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, fundamentada em revisão sistemática da literatura (2015-2025), realizada nas bases de dados Scopus, PubMed e Portal de Periódicos CAPES. Seleccionaram-se artigos originais e relatos de caso utilizando os descritores "*Diocotophyma renale* AND dogs AND Brasil", com análise baseada na metodologia de Bardin, visando à identificação de padrões epidemiológicos. **RESULTADOS:** De acordo com a literatura consultada, o ciclo do parasito é heterógeno, iniciando-se com a eliminação de ovos na urina dos hospedeiros definitivos. Estas são ingeridas pelo oligoqueta *Lumbriculus* sp. (hospedeiro intermediário), evoluindo para L3 em aproximadamente 100 dias. Peixes e anfíbios podem atuar como hospedeiros paratênicos. A transmissão ocorre pela ingestão de hospedeiros infectados, afetando principalmente cães errantes em áreas urbanas eutrofizadas, com ausência de saneamento básico. A incidência no Brasil é concentrada na região Sul, registrando prevalência de 11,11% em cães resgatados. Análises genéticas confirmam a circulação do parasito entre cães e fauna silvestre, como o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e o furão (*Galictis cuja*). A patogenia está associada à destruição do parênquima renal, necrose glomerular, fibrose da cápsula renal e hipertrofia compensatória do rim contralateral, resultando em sinais clínicos de apatia, emagrecimento e hematuria. A presença do parasito é frequentemente um achado acidental em necropsias. Casos de migração ectópica podem ocorrer no fígado, pericárdio, glândulas mamárias, útero e bolsa escrotal. O diagnóstico convencional por sedimentoscopia urinária e ultrassonografia apresenta limitações, especialmente em infecções ectópicas. Novas abordagens destacam a detecção de antígenos de excreção e secreção (ES) em testes ELISA de alta sensibilidade e técnicas moleculares como PCR e sequenciamento para a identificação precoce e o mapeamento de cepas geográficas do parasito. **CONCLUSÃO:** Diante dos dados analisados, a dioctofimatoze é relatada principalmente em cães provenientes de resgates na região sul do Brasil. O parasito apresenta predileção pelo rim direito e por se tratar de uma doença de evolução crônica, os sinais clínicos podem se manifestar tardiamente, especialmente em casos de infecção ectópica, dificultando o diagnóstico precoce e reforçando sua relevância para Saúde Única.

Palavras-chave: *Diocotophyma renale*, Dioctofimatoze, Cães, Brasil.